

O *sense of being* em relação à criatividade. Ser ou existir?

Bernard Golse¹, Paris

Tendo estabelecido uma distinção entre o “sentimento de ser” e o “sentimento de existir” que representam duas versões possíveis do sense of being, de D.W. Winnicott, o autor tece algumas considerações sobre a intersubjetividade e a subjetivação, que são precedidas pelo sense of being. Em seguida, são abordadas as relações entre o sense of being e a criatividade. Por fim, discute-se o interesse em desenvolver, então, uma terceira tópica.

Palavras-chaves: Criatividade; Intersubjetividade; Sense of being; Subjetivação; Terceira tópica; Winnicott

¹ Psiquiatra infantil e psicanalista, membro da Associação Psicanalítica da França. Professor emérito de psiquiatria da criança e do adolescente na Universidade René Descartes (Paris 5). Membro titular da Sociedade Francesa de Psiquiatria da Criança e do Adolescente e Disciplinas Afins (SFPEADA).

Bernard Golse

Introdução

Se a obra de D.W. Winnicott permanece tão atual não é apenas porque nos fala a respeito de uma clínica muito contemporânea, mas também, ao que nos parece, por se alicerçar em uma epistemologia rigorosa que absolutamente não envelheceu. Apesar de não sermos winnicottianos no sentido estrito, os trabalhos de Winnicott são extremamente importantes no trabalho que realizamos com bebês e crianças muito pequenas em um centro hospitalar universitário de Paris conhecido por seu alto padrão técnico (Hospital Necker Enfants Malades).

O sentimento de ser (*sense of being*) é anterior ao estar-com, pois, no início, ainda não existe nada além do par bebê/ambiente. Daí decorre, de certa forma, uma etapa de criatividade intransitiva que levanta a questão do pré-objeto em Winnicott, ou até mesmo aquela da existência de um eventual tempo pré-pulsional. Assim, esse sentimento de ser suscita a questão de um registro pré-metapsicológico que leva à necessidade de uma terceira tópica, hoje imprescindível para aqueles que querem tratar bebês sem deixarem de ser psicanalistas.

As reflexões sobre o *sense of being* winnicottiano nos confrontam, portanto, com um aquém da intersubjetividade e da subjetivação. Por isso, depois de destacarmos as diferenças entre ser e existir, teceremos algumas breves considerações a respeito desses dois conceitos. Trataremos, em seguida, das relações entre o *sense of being* e a criatividade, e, por fim, concluiremos quanto ao interesse em desenvolver uma terceira tópica.

Do ser ao existir

“Ser” não supõe uma diferenciação entre interior e exterior, portanto, entre si mesmo e o objeto, ao passo que “existir”, como indica o prefixo *ex-*, supõe essa diferenciação adquirida ou em vias de aquisição. Winnicott propôs, no fim de sua vida, o conceito de *sense of being*, que temos a sorte de poder traduzir [tanto em francês como em português] por “sentimento de ser” e por “sentimento de existir”. Essas duas acepções do *sense of being* são muito diferentes, pois o sentimento de ser pode preexistir à descoberta do objeto e, sem dúvida, é inerente a toda substância viva (psíquica), enquanto o sentimento de existir refere-se ao exterior, ao ambiente e aos objetos que o compõem.

Sabe-se hoje que o bebê é capaz de representar psiquicamente o vínculo antes de ser capaz de representar o objeto, o que nos levará a desenvolver uma

terceira tópica que possa ser utilizada psicanaliticamente para bebês e pacientes nos quais essa distinção ainda é muito pequena (crianças autistas ou com patologias arcaicas). O cuidado com o vínculo é, portanto, essencial, pois é graças a ele que o bebê descobre progressivamente o objeto (o acesso à intersubjetividade) e, por intermédio deste, descobre a si mesmo como sujeito, como pessoa (trabalho de subjetivação). Esse é o desafio da perinatalidade e da qualidade dos cuidados precoces dispensados aos bebês.

O embrião é um organismo vivo, o feto também, mas é difícil imaginar que já possuam uma reflexividade que os permita ter o sentimento de existir. Em outras palavras, o feto pode dispor daquilo que os filósofos chamam de consciência não tética, mas não dispõe de uma consciência tética baseada na consideração do “eu” pelo si mesmo.

Reiterando o que foi dito, antes de sentir-se existir, toda substância viva pode provavelmente se sentir ser, pois, para isso, não é necessário já ter descoberto o objeto externo, ao passo que o sentimento de existir remete, por definição, ao exterior e aos objetos do ambiente, supondo como adquirido, portanto, o acesso à intersubjetividade e à subjetivação. A passagem de um sentimento ao outro pode ser traumática, como provavelmente acontece no caso das patologias autísticas ou arcaicas. Todo o desafio da perinatalidade encontra-se em tornar essa passagem mais contínua e o mais gradual possível.

Intersubjetividade e subjetivação

O termo *intersubjetividade* designa – simplesmente! – a vivência profunda que nos faz sentir que si mesmo e outro são dois. É simples enunciar e representar isso, mesmo que os mecanismos essenciais subjacentes a tal fenômeno sejam provavelmente muito complexos e ainda insuficientemente conhecidos.

O acesso à intersubjetividade se dá no registro interpessoal, enquanto o acesso à subjetivação se dá no registro intrapsíquico. Estas duas problemáticas da intersubjetividade e da subjetivação são centrais atualmente e demonstram, ao que nos parece, o eterno debate entre os defensores do interpessoal e aqueles do intrapsíquico, levantando, é claro, toda a questão da passagem do interpessoal ao intrapsíquico.

Acostumamo-nos a pensar ou a proclamar que essa passagem poderia ser tratada apenas de maneira assintótica, e que jamais deixaria de ser enigmática quanto à sua natureza e seus mecanismos essenciais, constituindo assim um hiato que, por essência, não poderia ser preenchido e que, principalmente, geraria todas

Bernard Golse

as polêmicas entre os partidários do apego (especialistas do interpessoal) e os psicanalistas (especialistas do intrapsíquico).

Em termos pessoais, creio que dispomos, hoje, de um número de dados clínicos, experimentais e teóricos que nos permitem pensar com maior rigor e eficácia a passagem do interpessoal ao intrapsíquico, ou seja, no que diz respeito ao que nos interessa aqui, a passagem da intersubjetividade à subjetivação:

- a) A problemática dos modelos internos operantes (*internal working models*) da teoria do apego (Bretherton, 1990);
- b) O conceito de *representações de interações generalizadas* (Stern, 1989);
- c) Por fim, os trabalhos de René Roussillon (1997) sobre o primeiro outro, que deve ser – e que não poderia ser senão – um objeto especular essencialmente “idêntico”, mas um pouco “não idêntico” (Haag, 1985), para que a alteridade possa se inscrever sem alienação, mas também sem ruptura ou violência traumática.

A subjetivação aparece, portanto, como uma internalização das representações intersubjetivas, ou seja, no bebê, surge como uma internalização progressiva das representações de interações (no campo do apego ou da sintonia afetiva), mas com uma injeção gradual, no sistema da dinâmica parental inconsciente, de toda a história infantil dos pais, de sua conflitualidade edípica, de sua história psicosssexual, de sua problemática inter- e transgeracional e, obviamente, de todos os efeitos de *après coup* associados.

Em relação à intersubjetividade, a subjetivação implica, além disso, uma dinâmica de especularização (o objeto também é, por sua vez, um outro-sujeito). Evidencia-se hoje que a subjetivação certamente não se constitui em tudo ou nada, considerando-se que determinados sujeitos, como os portadores da síndrome de Asperger, parecem alcançar a subjetivação gramatical sem, contudo, conseguirem constituir uma subjetivação mais global, no sentido quase fenomenológico do termo.

A partir daí, surge a questão de saber se pode haver uma consciência não tética de sentir-se existir, mesmo antes de a diferenciação extrapsíquica permitir o reconhecimento e a identificação dos objetos externos (acesso à intersubjetividade) e também antes de a diferenciação intrapsíquica permitir o estabelecimento dos objetos internos, entre os quais a imagem de si mesmo (acesso à subjetivação). É aqui que o *sense of being*, de Winnicott, talvez possa nos ajudar a conceituar as coisas de uma maneira mais clara em relação à necessária antecipação ou suposição do sujeito pelo outro.

Winnicott, o ser e o bebê

Os progressos espetaculares da pediatria neonatal (cuidados em unidade de tratamento intensivo), obtidos nas últimas décadas, têm contribuído para que os bebês nasçam em melhores condições físicas. Em contrapartida, temos ainda muitos esforços e muito trabalho a empreender para ajudá-los a nascer melhor em termos psíquicos, e a obra de Winnicott é, certamente, uma das que nos mostra esse caminho. Nesse sentido, é pertinente destacar quatro elementos para reflexão, caros a Winnicott, que se evidenciam cruciais no bebê (aliás, no adolescente também) e que convergem todos para o *sense of being*.

O ser e o fazer

Em sua reflexão sobre o ser e o fazer, Winnicott situa a fonte da criatividade na transmissão de um elemento feminino materno que valeria como investimento do próprio processo que dá valor à vida. Assim, o sentimento de ser remete essencialmente às identificações primárias. O sentimento de ser (*sense of being*), reiteramos, é algo anterior ao estar-com, e podemos citar aqui a célebre frase de Winnicott (1971/1991): “*After being – doing and being done to. But first, being*” (p. 85)². Esse conceito de *sentimento de ser*, na verdade, foi aprofundado de forma muito tardia por Winnicott, quatro anos antes de sua morte, e provavelmente estava relacionado à questão da finitude da vida (Green, 2010).

A questão do brincar

Brincar permite essencialmente dialetizar criação e criatividade, pois é no brincar que o próprio *self* é tomado como objeto a ser criado pela criatividade do brincar:

A importância do brincar vem do fato de ser uma forma de busca em que o *Self* procura por si mesmo. Mas, para se encontrar, é preciso correr o risco de se perder, até alcançar um estado em que a própria ideia de finalidade desaparece, para que, a partir desse ponto mítico original, uma criação subjetiva possa ocorrer³. (Green, 1977, p. 12)

² N.R.: Tradução livre de “Depois de ser – fazer e aceitar que ajam sobre você. Mas, primeiro, ser”.

³ N.R.: Todas as citações são traduções livres, exceto nos casos em que a tradução consultada for explicitamente referenciada em nota de rodapé.

Bernard Golse

Arriscar perder-se talvez seja uma forma de se reconectar com esse *sense of being* pré-objetal, mesmo em crianças que já não são mais bebês ou até em adultos, pois, para Winnicott (1968 [1967]/1971), “o natural é brincar, e o fenômeno altamente aperfeiçoado do século XX é a psicanálise”⁴ (p. 90), sendo ela um brincar eminentemente criativo e criador.

O objeto transicional

Para Winnicott (1969), se a transicionalidade corresponde à *capacidade da criança de criar, refletir, imaginar, dar origem, produzir um objeto*, isto é, *simbolizar, então o investimento precede o objeto investido, mas é também graças a um determinado tipo de objeto que novos investimentos permitem uma atualização do Self*. Nesse sentido, prenuncia os trabalhos de Milner (1976, 1990) e Bollas (1996).

De qualquer forma, se o investimento do ambiente precede o objeto investido, estamos, então, mais no terreno dos processos que dos estados, o que Lebovici (1960) expressou, nestes tempos, em uma frase que se tornou célebre: “O objeto é investido antes de ser percebido” (cf. Golse na apresentação de *Le bébé, le psychanalyste et la métaphore*, p. 28)⁵. A frase designa, talvez implicitamente, esse registro do *sense of being* winnicottiano.

A questão do verdadeiro self

Esconder-se é um prazer (devido à indução de um processo de busca), mas não ser encontrado (como objeto) é uma catástrofe, problemática que adolescentes e bebês conhecem tão bem... Não ser encontrado como objeto, mas sentir-se existindo por ser procurado, talvez seja um dos aspectos do *sense of being* que se constitui alguém do objeto, possivelmente ligado ao tensionamento do processo de investimento como tal, que é o inverso do que Green (1986) procurou formular em relação ao “processo de desobjetalização”, o qual, segundo ele, seria prerrogativa das pulsões de morte.

⁴ N.T.: Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu, Vanede Nobre. Winnicott, D.W. (1975). O brincar: uma exposição teórica. In *O brincar e a realidade*, (Cap. 3, p. 63). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1968 [1967])

⁵ N.T.: Tradução de Inês Catão, Maria Auxiliadora Fernandes, Júlia Castilho, Regina Aragão, Cláudia Mascarenhas Fernandes Rohenkohl. Golse, B. (2003). Entre mãe e bebê: educar os sentimentos ou co-construir os afetos. In *Sobre a psicoterapia pais-bebê: narrativa, filiação e transmissão* (p. 116). Col. 1ª Infância. São Paulo: Casa do Psicólogo.

A partir disso, o que dizer da criatividade e do *sense of being*?

Em um artigo de 1977, André Green cita Winnicott:

Devemos compreender que, antes de ser o dom de alguns, a criatividade é um fato sem o qual não há vida psíquica, mas somente uma sobrevivência; não há existência, mas apenas um hábito que se mantém por automatismo, indiferente à vida e à morte. (p. 11, tradução livre)

Dito isso, parece-nos que a criação remete ao objeto como resultado do processo da criatividade, objeto e processo tomados mutuamente, encontrando-se intrincados em uma dialética estreita e muito profunda. Para que a criança crie o objeto, ela precisa encontrá-lo, um aparente paradoxo relacionado ao fato de que, na realidade, a criação diz respeito a um já-existente que se apresenta de maneira suficientemente adequada, o que remete, como se percebe bem, às contribuições de Bollas (1996) sobre “o objeto transformacional” e aos trabalhos de Milner (1976, 1990) sobre a questão da *maleabilidade* do objeto.

Em outras palavras, trata-se de um já-existente que só pode existir se for criado, e que só pode ser criado se já existir, o que inexoravelmente liga a questão da criação àquela da criatividade. Entendemos, portanto, que há uma relação dialética entre o pensamento paradoxal de Winnicott – feito de paradoxos que não precisam ser solucionados e, portanto, empobrecidos, mas, ao contrário, mantidos em tensão – e a dinâmica da criatividade, que se origina e se enraíza simplesmente na fecundidade dos paradoxos próprios da vida.

A necessidade de uma terceira tópica (Para uma metapsicologia da tríade, para uma tópica intersubjetiva?)

Se o bebê pode ter o sentimento de ser, estando aquém dos processos de subjetivação e objetualização (de fato, indissociáveis), devemos então, em nosso trabalho com ele, focar na questão do vínculo que, ao mesmo tempo, distingue e liga tudo (Golse & Missonnier, 2020). No que nos diz respeito, estamos entre aqueles que pensam ser possível cuidar de crianças muito pequenas, até mesmo bebês, sem sacrificar nenhum dos marcos metapsicológicos usuais e com a legítima pretensão de continuarmos sendo psicanalistas nessas condições específicas.

Nessa perspectiva, parece-nos que o bebê não nos impõe nenhuma renúncia particular (Golse, 1999), nem à teoria das pulsões, nem à teoria do apoio, nem

Bernard Golse

mesmo à teoria do *après-coup*. Foi isso que Geissmann (1996) apontou ao comparar, do ponto de vista da natureza processual, o trabalho de oscilação entre a posição depressiva e a posição esquizo-paranóide com aquele que existe entre o *avant-coup* e o *après-coup* (entendendo-se que o *avant-coup* sempre vale, é claro, apenas como conceito-limite um tanto fictício). Assim, em relação ao bebê, são provavelmente a dimensão metapsicológica e a dimensão tópica as mais afetadas. Na verdade, hoje devemos levar em conta tudo o que a psiquiatria do bebê nos ensinou em termos de funcionamento diádico e triádico. Ora, quem diz díade ou tríade também diz muito mais registro do interpessoal que registro do intrapsíquico e, portanto, o próprio conceito de tópica intersubjetiva acaba sendo um tanto herético.

Como levar em conta a *transparência psíquica* materna (Bydlowski, 1991, 1997, 2000), a neotópica perinatal (Cramer & Palacio-Espasa, 1993) e a *unidade originária* (Perez-Sanchez & Abello, 1981) para pensar em termos metapsicológicos a díade e a tríade com essa dificuldade central incontestavelmente representada pela passagem do interpessoal ao intrapsíquico?

Pode-se supor que o sistema pai-mãe-bebê traz em si mesmo a dinâmica capaz de transpor a triadificação para a triangulação? Não há nenhuma certeza e, na realidade, isso levanta toda a questão da internalização.

Por outro lado, não se poderia pensar que a presença de um terceiro, neste caso, seja inevitável e que, portanto, o dispositivo de terapias conjuntas pais/bebês poderia fornecer privilegiadamente à díade e à tríade, dentro da própria tópica grupal, a função do terceiro observador e participante, capaz de induzir esse movimento de internalização ou psiquização das interações comportamentais?

Resta o fato de que as reflexões atuais tratam da validade ou não do conceito de tópica intersubjetiva, assim como o enquadramento das terapias conjuntas pode oferecer um paradigma fértil para essa problemática importante.

É plausível pensar que o necessário aqui é uma metapsicologia do vínculo, uma metapsicologia que pode levar, talvez, a uma “terceira tópica” (Brusset, 1988, 2006) capaz de superar a clivagem entre o interpessoal e o intrapsíquico. Contudo, o que se entende por metapsicologia do vínculo? Trata-se de uma metapsicologia estritamente intrapsíquica, como Dejours (1986, 2002) desenvolveu ao longo de seus trabalhos, ou seria antes o que se poderia chamar de metapsicologia intersubjetiva, sem, contudo, cair na tentação da fantasia de um aparelho coletivo?

A oposição entre esses dois pontos de vista pode não ser tão radical quanto parece. Na verdade, existe um modo de conceber o vínculo entre o intrapsíquico e o interpessoal que consiste em ressaltar que, para o bebê, não há representação de si que não seja uma representação de si mesmo em interação com o outro, nem

representação do outro que não seja uma representação do outro em interação consigo mesmo, como bem aponta o conceito de representações de interações generalizadas desenvolvido por Stern (1989).

Conseqüentemente, a instauração do aparelho psíquico que é sempre, queiramos ou não, uma representação do vínculo – no vínculo e através do vínculo – se dá precisamente na interface do interpessoal com o intrapsíquico; as psicoterapias conjuntas favorecem particularmente o duplo movimento de internalização e especularização subjacente à passagem do registro interpessoal ao registro intrapsíquico.

No âmbito das terapias conjuntas, podemos imaginar que o trabalho psíquico do terceiro (o terapeuta ou os co-terapeutas) intervém justamente para abrir o caminho para esse duplo processo (de internalização e especularização) que fica em suspenso nas díades ou tríades em questão, situando-se na interface das interações estabelecidas entre o bebê e seus pais. Em tal perspectiva, o dispositivo das psicoterapias conjuntas corresponderia, de fato, a uma figuração ou a uma materialização da terceira tópica intersubjetiva mencionada acima.

Conclusões

O sentimento de ser não supõe que o objeto seja distinto, enquanto existir supõe que os objetos externos sejam suficientemente identificados e os objetos internos suficientemente estabelecidos. Assim, o *sense of being* situa-se mais do lado do ser que do lado do existir.

Através do conceito de *sense of being*, Winnicott pode ter tentado apontar uma propriedade geral do ser humano, que pode se sentir vivendo antes mesmo da intersubjetividade e da subjetivação. Quer estejamos falando sobre a dimensão pré-pulsional, pré-objetal ou pré-metapsicológica, aquilo que é designado pelo *sense of being* de Winnicott remete-nos a um originário fundamental que condiciona a própria possibilidade do desenvolvimento subsequente da psique. O sentimento de ser antes mesmo de qualquer objetualização é, portanto, fundamental e fundador.

No âmbito dos mecanismos autísticos que podem existir em crianças não autistas, verifica-se hoje que o apagamento do objeto – ao invés da fuga dele – poderia ser, em alguns casos, uma maneira de evitar a dor de sua perda, havendo então, nessa perspectiva, uma regressão defensiva ao *sense of being*, que, como nos mostra Winnicott, está – antes e acima de tudo – a serviço da vida. □

Bernard Golse

Abstract

The sense of being in relation to creativity. To be or to exist?

Having established a distinction between the “feeling of being” and the “feeling of existing” that represent two possible versions D.W. Winnicott’s *sense of being*, the author weaves some considerations about intersubjectivity and subjectivation, which are preceded by the *sense of being*. Then, the relations between the *sense of being* and creativity are addressed. Finally, the interest in developing, thus, a third topographical theory is discussed.

Keywords: Creativity; Intersubjectivity; *Sense of Being*; Subjectivation; Third topographical theory; Winnicott

Resumen

El sense of being con respecto a la creatividad. ¿Ser o existir?

Después de establecer una distinción entre el “sentimiento de ser” y el “sentimiento de existir” que representan las dos posibles versiones del *sense of being* de D. W. Winnicott, el autor hace algunas consideraciones sobre la intersubjetividad y la subjetivación, las cuales son anteceditas por el *sense of being*. Luego evoca los vínculos entre el *sense of being* y la creatividad antes de, en fin, concluir sobre el interés de a partir de ahora desarrollar una tercera tópica.

Palabras clave: Creatividad; Intersubjetividad; *Sense of being*; Subjetivación; Tercera tópica; Winnicott

Referências

- Bollas, C. (1996). *Les forces de la destinée. La psychanalyse et l’idiome humain*. Paris: Calmann-Lévy.
- Bretherton, I. (1990). Communication patterns – Internal working models and the intergenerational transmission of attachment relationships. *Infant Mental Health Journal*, 11(3), 237-252.
- Brusset, B. (1988). *Psychanalyse du lien (La relation d’objet)*. Paris : Editions Le Centurion.
- Brusset, B. (2006). Métapsychologie des liens et troisième topique. *Revue Française de Psychanalyse*, 70(5), 1213-1282.

O *sense of being* em relação à criatividade. Ser ou existir?

- Bydlowski, M. (1991). La transparence psychique de la grossesse. *Etudes freudiennes*, 32, 2-9
- Bydlowski, M. (1997). *La dette de vie – Itinéraire psychanalytique de la maternité*. Puf, Coll. « Le fil rouge », (1ère éd.).
- Bydlowski, M. (2000). *Je rêve un enfant – L'expérience intérieure de la maternité*. Paris : Odile Jacob.
- Cramer, B., et Palacio-Espasa, F. (1993). *La pratique des psychothérapies mères/bébés – Etudes cliniques et techniques*. Paris : Puf, Coll. « Le fil rouge », (1ère éd.).
- Dejours, Ch. (1986). *Le corps entre biologie et psychanalyse*. Paris : Payot.
- Dejours, Ch. (2002). *Le corps d'abord*. Paris : Payot.
- Geissmann, Cl. (1996). Les fondements de la psychanalyse de l'enfant: névrose de transfert et après-coup. *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 19 (« Formations »), 25-47.
- Golse, B. (1999). *Du corps à la pensée*. Paris : Puf, Coll. « Le fil rouge », (1ère éd.).
- Golse, B. (2002). Texte de présentation. In S. Lebovici, *Le bébé, le psychanalyste et la métaphore*. Paris: Odile Jacob.
- Golse, B., et Missonnier, S. (2020). Plaidoyer pour une troisième topique – Une représentation intrapsychique du lien intersubjectif avant même la découverte de l'objet. *Revue « In Analysis »*, 2020 (sous presse)
- Green, A. (1977). La royauté appartient à l'enfant. *L'Arc*, 69 (numéro spécial sur D.W. Winnicott), 4-12.
- Green, A. (1986). Pulsion de mort, narcissisme négatif, fonction désobjectalisante. In *La pulsion de mort* (pp. 49-59, ouvrage collectif). Paris : Puf.
- Green, A. (2010). Sources and vicissitudes of the sense of being in D.W. Winnicott's work. *The Psychoanalytic Quarterly*, 79(1), 11-35.
- Haag, G. (1985). La mère et le bébé dans les deux moitiés du corps. *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, 33(2-3), 107-114.
- Lebovici, S. (1960). La relation objectale chez l'enfant. *La Psychiatrie de l'enfant*, 8(1), 147-226.
- Milner, M. (1976). *L'inconscient et la peinture*. Paris: Puf, Coll. « Le fil rouge ».
- Milner, M. (1990). Le rôle de l'illusion dans la formation du symbole et les concepts psychanalytiques sur les deux fonctions du symbole. *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 8, 244-278.
- Perez-Sanchez, M., et Abello, N. (1981). Unité originare (Narcissisme et homosexualité dans les ébauches de l'œdipe). *Revue Française de Psychanalyse*, 45(4), 777-786.
- Roussillon, R. (1997). La fonction symbolisante de l'objet. *Revue Française de Psychanalyse*, 61(2), 399-415.
- Stern, D.N. (1989). *Le monde interpersonnel du nourrisson – Une perspective psychanalytique et développementale*. Paris : Puf, Coll. « Le fil rouge », (1ère éd.).
- Winnicott, D.W. (1971). Jouer, proposition théorique. In *Jeu et réalité. L'espace potentiel* (D.W. Winnicott), trad. C. Monod et J.-B. Pontalis. Paris : Gallimard. (Œuvre originale publiée en 1968 [1967])

Bernard Golse

Winnicott, D.W. (1971). L'utilisation de l'objet et le mode de relation à l'objet au travers des identifications, 120-131. In *Jeu et réalité – L'espace potentiel* (D.W. Winnicott). Paris : Gallimard, Coll. « Connaissance de l'Inconscient », (1ère éd.). (Œuvre originale publiée en 1969)

Winnicott, D.W. (1991). Creativity and its origins. In *Playing and reality* (pp. 65-85). London: Bruner-Routledge. (Œuvre originale publiée en 1971)

Recebido em 14/02/2020

Aceito em 11/03/2020

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Bernard Golse

Institut Paris Brune

26 Boulevard brune, 75014 – Paris

bernard.golse@icloud.com

© *Bernard Golse*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA